

Algumas linhagens de construção do campo epistemológico da comunicação

Jairo Ferreira¹

***Resumo:** O artigo parte do conceito desenvolvido pelo autor de campo epistemológico da comunicação. Esse conceito é ancorado numa perspectiva conceitual (dispositivos mediáticos) que coloca em relação ação, linguagem, técnica e tecnologia na análise dos meios. Dessa articulação, o artigo analisa vários textos acadêmicos da comunicação, procurando identificar a construção sócio-cognitiva do campo. Identifica movimentos de como a construção de objetos e problemas do campo da comunicação está em relação com outros, e, ao mesmo tempo, produz a sua singularidade*

***Palavras-Chave:** 1.. epistemologia 2. comunicação 3. mídia 4. dispositivo.*

1. Objeto de análise: o campo epistemológico²

O campo acadêmico da comunicação é um espaço social a que corresponde um conhecimento e significação singular (Ferreira, 2004). É um lugar de homologias diversas: sua epistemologia dialoga com uma epistemologia social em construção na comunicação e no mediático, mas também com as de outros campos acadêmicos; sua funcionalidade, idem, responde a instrumentações e estratégias específicas da academia, mas deve dialogar com o fazer da comunicação e do mediático.

Propomos que esse campo se transforma conforme as interações dos agentes individuais e coletivos que o compõem, do (s) dispositivo(s) que o constituem (encontros, eventos, a organização dos programas de pesquisa, as revistas, as condições de ingresso, os discursos etc.) e suas formas institucionais. No interior do campo de conhecimento (em que funcionalidade e estratégia estão em relação de mútua determinação com epistemologias), nosso interesse se volta para o campo epistemológico. Especificamente, é necessário localizar

¹ Prof. e pesquisador PPGCC – UNISINOS. Email: jferreira@unisinis.br.

² Essas reflexões se desenvolvem como fundamentação teórica da pesquisa sobre a circulação mediática, intitulada “A circulação em dispositivos mediáticos (estudo sobre as ONGs em sites na Web)”. Apoio: CNPq, Unisinos. Email]: jferreira@unisinis.br. Bolsistas de IC: Giovana Rech (UNIBIC) e Luana Arend (PIBIC).

as transformações epistemológicas, os objetos empíricos que produzem instabilidade nas interações entre os agentes que o constituem, e a busca de sínteses instituidoras de consensos e hegemonias cognitivas.

Na perspectiva de uma epistemologia genética do campo, afirmamos que é interessante investigar esse processo desdobrado no tempo. Caracterizamos essa epistemologia como genética numa referência clara aos métodos históricos, de Marx a Bourdieu, passando por Piaget. Propomos que para captar essa epistemologia em construção é necessário ir além dos levantamentos temáticos (do tipo: quais as teorias, temas e metodologias da pesquisa em comunicação?), das resenhas críticas, e da localização em linhagens (do tipo economia política, estudos culturais etc.). Identificamos, então, a necessidade de uma ultrapassagem (superação) que permita localizar a teorização do campo numa determinada matriz que demarque objetos e processos específicos da epistemologia da comunicação. O “tema” deve ser, na abordagem proposta, situado num lugar que dê conta de três vias abertas pela epistemologia contemporânea (a lógico formal, a ontológica e a genética³). Essas três vias tem sido, desde então, pensadas no processo de teorização que desenvolvemos em investigações experimentais.

Isso significa que o pensamento formal, ou lógico proposicional⁴, está em relação com as outras vias, o que não impede disciplinas e campos refletirem a partir desses construtos. Ou seja, essas formalizações são observados em vários campos científicos. A crítica à economia política faz isso a partir da teoria da mais valia (inclusive com formalização lógico-matemática), os lacanianos a partir do RSI (real, simbólico e imaginário), os peircianos com as tríades, etc. Esse nível formal não é um fim de linha, mas um lugar de reconstruções permanentes. Ou seja, o lógico-formal é referência aos processos indutivo e dedutivo de análise, sempre localizados numa perspectiva sócio-histórica.

A relação do epistemológico com o ontológico parte do princípio de que a construção de enunciados proposicionais é da ordem da ação social em geral, e não apenas das epistemologias científicas, como sugerem as teorias construtivistas. A epistemologia, nesse

³ Ver, sobre essas vias, Martino (2001⁸).

⁴ Inspiro-me aqui em Piaget, para quem o pensamento lógico formal é o que permite a emancipação, a antecipação, a extensão e a generalização do sujeito perante os diversos casos concretos.

sentido, não é uma propriedade específica dos campos acadêmicos mas está concernida nos processos sociais. Isso é, o conhecimento é produzido socialmente, sendo o acadêmico um lugar de especialização dessa produção, por diferenciações, cognitivas e sociais, que tendem ao pensamento lógico-formal. Por outro lado, nessa perspectiva epistemológica, a lógica, sendo um lugar de chegada do pensamento reflexivo abstrato, quando vinculada a eventos observáveis, articula-se, em diversos níveis com o ontológico.

O ângulo genético acentua o caráter histórico do conhecimento. Não se trata de um absoluto, mas de um processo, em contínuo devir. Na verdade, não uma gênese, mas várias, cruzadas entre si. Ilustramos. A localização da gênese do conhecimento acadêmico especializado no saber social construído nas interações (como propõem as perspectivas construtivistas) está acentuada em várias perspectivas. Nos estudos de Koyré, aparece nas relações da técnica e da tecnologia com o conhecimento científico. Em Piaget, na gênese das estruturas cognitivas. Etc. Mas a principal questão genética que uma formalização do conhecimento em determinado campo coloca, sem menosprezar essas perspectivas, é sobre a gênese de constructos teóricos, ou de como determinadas proposições de análise são produzidas num campo científico.

2. O construto de análise: os dispositivos em jogo no midiático

O construto que propomos parte da conclusão de que as diferenciações epistemológicas no campo da comunicação se desenvolveram, e se desenvolvem, em torno de três grandes linhagens: a) a mais clássica das relações, a de que a ação social (dos ritos aos grandes mercados) condicionam os processos de produção signica e discursiva, e as apropriações técnicas e tecnológicas dos meios; b) a segunda, forjada pelas abordagens semio-discursivas, em que o sentido desdobra-se do signo e da linguagem; c) a terceira, as abordagens sobre os condicionamentos impostos pelas técnicas e tecnologias. Essas três dimensões correspondem ao conceito de dispositivo de Peraya (1999). Cada uma das esferas coloca questões singulares sobre a produção de sentido, irreduzíveis às outras.

Essa diferenciação pode ser observada na sociologia, na antropologia, na psicologia e, portanto, não pode ser considerada uma diferenciação disciplinar. É uma diferenciação que atravessa as disciplinas e os campos acadêmicos, acentuada pela relação circular entre conhecimento, sentido e linguagem. Assim, é uma diferenciação que pertence a uma

epistemologia geral das ciências sociais: de Marx (da Ideologia Alemã) a Piaget, passando por Bourdieu, é a ação o lugar de produção de sentido, sendo a linguagem, superestrutural; inversas são as perspectivas que acentuam os processos através dos quais a linguagem produz a ação, ou seja, a linguagem agencia as práticas (em Foucault, Vigostky, mas também nas análises da sociedade a partir das teorias do signo). Ou seja, essa diferenciação entre sentido construído na esfera da ação e da linguagem não é específica do campo acadêmico da comunicação.

O mesmo pode-se dizer da técnica e da tecnologia, como processos transformadores de sentido e de conhecimento da espécie, em relações com a sociedade e com a natureza (de Marx a Lasch, passando por Marcuse e Habermas). Mas tecnologia e a técnica são indissociáveis da linguagem e da própria ação. Só ganha visibilidade quando essas técnicas e tecnologias estão suficientemente diferenciadas do corpo e de sua ação imediata. Essa diferenciação (em vários suportes de estocagem, de transmissão, de codificação e decodificação, de produção e de recepção, etc.) tem uma série de efeitos, entre eles de acelerar os processos comunicacionais diferidos no tempo e no espaço. Mas, na perspectiva que queremos acentuar, altera a própria produção social de sentido, evidenciando que a linguagem e a ação estavam encarnadas uma na outra, e que cisão entre ambas fica clara a partir da inscrição dos processos de comunicação em dispositivos diferenciados técnica e tecnologicamente.

Portanto, não sendo disciplinar, e nem pertencente a um determinado campo acadêmico (entendendo que os campos são lugares de disputas, negociações e acordos em torno de determinadas disciplinas hegemônicas, subordinadas, etc.), a diferenciação entre ação, linguagem e tecnologia nada explicaria do campo acadêmico da comunicação a não ser pelo seu lugar de pertencimento às ciências sociais em geral. Isso nos permite avançar em direção a premissa que estabelece a especificidade da epistemologia da comunicação: a de que essa diferenciação só ganha singularidade se pensada como conjunto de relações entre ação (que inexiste fora da interação), linguagem e tecnologia em processos midiáticos. Isso implica compreender a especificidade do campo acadêmico da comunicação nas interações construídas a partir dos processos de produção, consumo e circulação de mensagens em determinados públicos, através de suportes tecnológicos. É neste lugar – processo mediático

– que ganha singularidade o debate sobre as associações reflexivas sobre o lugar da ação, da linguagem da tecnologia na produção social de sentido.

Esse agrupamento de angulações vem orientando nossa análise de textos do campo acadêmico da comunicação. Operacionalmente, na análise, é importante verificar, nos documentos, como um determinado autor estabelece associações entre o que chamamos de perspectiva sócio-antropológica (sa), a semio-lingüística-discursiva (sl) e a técnica e tecnológica (tt) Lembramos que essas perspectivas não são disciplinares, nem objetos específicos de campos acadêmicos, mas sim lugares de acento na análise da produção social de sentido.

O dispositivo deve, então, ser entendido como um conjunto de relações entre as dimensões que o constituem, o que implica em maneiras diversas em que cada dimensão influencia e condiciona a outra. Teoricamente, afirmamos que cada uma das esferas opera simultaneamente sobre as outras dimensões, desde os momentos que cada uma delas se configura como sistema (portanto, operações de autonomização perante as outras dimensões). Estabelece-se entre um jogo de análise (epistemologias) de pólos dominantes. O movimento de dominância já foi tratado na dialética como elíptico, em que os termos diádicos (linguagem e ação, por exemplo) se alternam nos lugares de condicionantes. Os lugares de sentido são irredutíveis aos movimentos de origem.

Abstratamente, a partir dessas associações podemos pensar numa matriz de relações epistemológicas primárias que corresponderia ao ponto de partida para um estudo relacional dos processos mediáticos. Quando falamos de matriz de relações primárias estamos dizendo que essas associações são abertas a outras múltiplas possibilidades de associações entre elas. Essas associações sempre requisitam, do pesquisador, outras categorias para que as três dimensões constitutivas da produção social de sentido possam ser operacionalizadas (assim, o signo poderá ser analisado a partir de Peirce, Frege, etc.; a teoria da ação pode ser a proposta pelo interacionismo, Marx, Bourdieu, etc.; a abordagem da tecnologia e da técnica pode se fundamentar Marcuse, Habermas, Lasch, etc.). As escolhas dependem do problema e das “equações” reflexivas do investigador, que propiciam ângulos de observação das sínteses singulares construídas no universo de possibilidades relacionais que identificamos.

3. Objetos construídos sócio-cognitivamente

Na perspectiva epistemológica, é importante identificar como o campo acadêmico organiza o seu saber. Sintetizamos a leitura que realizamos dos autores visando identificar essas articulações, numa apropriação “oportunista”. Visa apenas o garimpo que nos permita discutir nossa proposição, ao mesmo tempo em que deve ser relativizada pelas nuances teóricas dos autores escolhidos.

Nem sempre os autores que refletem sobre o campo epistemológico da comunicação colocam, em suas análises, em jogo essas relações que chamamos de triádicas – ação, linguagem e tecnologia – na análise dos processos mediáticos. Muitos operam a partir de várias díades possíveis nas análises dos processos comunicacionais, construídas em torno do tema mídia. Particular é o caso das díades em que os estudos são recursivos (as/as, sl/sl, tt/tt), epistemologicamente auto-referenciais, que partem de disciplinas consolidadas (exemplo, teorias sociais e teorias da linguagem) e, numa extensão à pragmática, são investigadas a interação com determinadas tecnologias de comunicação. Porém, esses autores, conforme procuramos demonstrar abaixo, transpõem os limites das equações reflexivas e observações das abordagens de origem, e passam a se aproximar de questões específicas do campo acadêmico da comunicação ao localizar os processos de mídia em relações fundadas nos mútuos condicionamentos entre ação, linguagem e tecnologia.

Em outro pólo, encontramos estudos que partem de problemas e ângulos de observação que já ultrapassaram os limites das disciplinas e perspectivas teóricas de origem, e, por isso mesmo, colocam em jogo problemas mais complexos derivados dos mútuos condicionamentos entre ação, linguagem e tecnologia, das próprias sínteses fundadas em processos midiáticos, e novas tensões observadas aí. Abordaremos, ilustrativamente, essas duas angulações.

3.1 Investigações auto-referenciais

Os ângulos sugeridos pelo conjunto de estudos auto-referenciais sobre os meios produzem mediações teóricas e metodológicas que aproximam as ciências clássicas da sociedade e da linguagem ao que procuramos situar como objetos do campo acadêmico da comunicação. Olha-se algo posterior a partir de ângulos anteriores. Ou seja, as reflexões

sobre os meios partem de um ou outro enfoque predominante (sócio-antropológico, semio-lingüístico-discursivo ou técnico-tecnológico) e constroem problemas específicos da comunicação, na medida que focados em processos mediáticos.

Entendemos essas teorias mobilizadas como proximais. Nessa perspectiva, os autores se identificam com os processos de construção epistemológica do campo, reconhecendo, sem rodeios, a validade de proposições conceituais de outras disciplinas, ou seja, consideram legítimas suas proposições lógico-formais, não questionam a legitimidade teórica de partida (Marx, Bourdieu, Habermas, Peirce, etc.), mas, desses lugares, constroem novos problemas, objetos teóricos e observáveis.

Entre esses autores é possível identificar a construção de objetos do campo acadêmico da comunicação enquanto problemática (incluem-se, aqui, os observáveis), de estruturas explicativas diversas e relação entre as interpretações de partida, inclusive movimentos de conflitos, negociação e consensos de apropriação de outros sistemas explicativos, e a busca de integração do diverso no âmbito de tentativas de unificação teórica (incluindo a construção de paradigmas e linhagens).

Vamos ilustrar isso com documentos apresentados no GT de Epistemologia da Compós. Bolano (2005), a partir da perspectiva da economia política da comunicação, faz um balanço da construção da comunicação como objeto da herança marxista, que coloca como central para a compreensão do campo das mídias. O movimento que identificamos de ultrapassagem dos limites das equações reflexivas e observações das abordagens de origem é quando coloca em tensão a especificidade do trabalho cultural, impossível de subsunção completa ao capital, que requisitaria novas formulações teóricas para além do quadro conceitual de partida (teoria do valor em Marx). Esse quadro deve dar conta, como diz Bolano, da dupla contradição: capital e trabalho – economia e cultura. Esse problema, na análise do empírico, requisitaria, diz o autor, articulações entre a EPC e os Estudos Culturais. Chamo essa perspectiva de problematização de auto-referencial porque fica no quadro de uma abordagem de uma teoria da ação (o marxismo), que subordina o sentido (inclusive a cultura) e a tecnologia ao processo de valorização do capital (econômico).

A construção de um problema de investigação com esses procedimentos cognitivos são evidentes também em Signates (2004). Sua formulação decorre inclusive da identificação que o objeto da comunicação requisita formulações novas às teorias sociais, inclusive em decorrência da possível complexidade em jogo. Assim, sugere, é necessário ir além de uma relação subalterna aos “clássicos” das demais disciplinas científicas, inclusive a sociologia. O problema que, na época, construiu, transitava, na análise do mediático, entre uma abordagem fundada na ação comunicativa e na ação estratégica (implicada na emergência das tecnologias da comunicação). Ou seja, define um problema em tensão com Habermas, no âmbito de sua teoria.

Essas construções auto-referenciais não são privilégio dos herdeiros das teorias sociais. Também na esfera das teorias do signo esse processo cognitivo de construção dos problemas pode ser observado, isso é, os conceitos e relações em jogo são colocados em tensão com as formulações originais, mantendo-se o compromisso com o quadro teórico original, herdado das ciências sociais ou da linguagem.

3.1 Sociedade e linguagem

Localizamos nesse tipo de procedimento cognitivo a construção do problema na investigação que desenvolvemos entre 2002-2004. Nessa investigação, colocamos em oposição perspectivas de análise que pareciam antagônicas em Bourdieu: a abordagem de um campo como espaço de distinção, heterogêneo, em oposição com a análise do campo das mídias como homogêneo, sem autonomia, subordinado aos capitais econômicos e políticos. O limite da produtividade desse tipo de problema está em situar-se em um ponto aquém da ruptura epistemológica que passamos a requisitar a partir do conceito de dispositivos mediáticos.

Por isso, nossos exercícios reflexivos sobre o conceito de dispositivos nos propiciam, de forma não linear, novas releituras de textos sobre o conceito de campo das mídias, com o qual trabalhamos em nossa investigação. Processualmente, desenvolvemos a percepção de que a reflexão “sobre” as “a partir” das díades – ação e linguagem, por exemplo - permitia identificar com clareza deslocamentos conceituais novos, como por exemplo o que ocorre entre o conceito de campo em Bourdieu (1997) e Rodrigues (1999, 2000). Para o primeiro,

como se sabe, a linguagem é superestrutura da ação (*habitus*) e de posições (*capitais*). O segundo inverte a equação.

Mesmo que este deslocamento não integre a terceira dimensão – a técnica e tecnológica, o que deixa o conceito de campo, inclusive o das mídias, ancorado numa problemática de sociedade e linguagem –, é dele que passamos a decifrar um lugar de operações intelectuais que coloca em debate autores a serviço da compreensão do mediático a partir de lugares não auto-referenciais, ou, se quisermos, interdisciplinares.

Explicamos melhor essa discussão. Se o conceito de campo em Bourdieu passa por posições (*capitais*) e disposições (*habitus*, interpretantes compartilhados – códigos – e diferenciais – portanto, uma insociabilidade recorrente como base da própria sociabilidade, que produz a luta pela codificação do mundo – poder simbólico), em Rodrigues, o campo é antes de tudo uma configuração dos mercados discursivos (operações de linguagem – *sl/sl* - articuladas com implicações dessas operações sobre a sociedade diferenciada – *sl/sa* –, que definem as relações entre as várias sociedades – *sa/sa* -, ou seja, entre o campo das mídias e os outros campos sociais). Essa perspectiva é diferente em Bourdieu, para quem o mercado, também de sentido, é regulado pelo *habitus* – um interpretante em jogo, onde disposição está ancorada em posições, e, portanto, a linguagem tem autonomia condicionada pelos outros sistemas sociais (a economia, a política, a cultura).

O que demarcaria, então, o território entre linguagem e sociedade enquanto sistemas diferenciados? Não há resposta única para isso. Depende das perspectivas teóricas. Em Rodrigues, por exemplo, a linguagem refere-se a materiais significantes. Isso fica claro quando fala em simbólica constituída de fardas, insígnias, vestes, distintivos, etc. (Rodrigues, 1999, 2000). Nessa perspectiva, trata-se de objetos, cujo sentido só existe para indivíduo em relação com outro (códigos sociais). Em Bourdieu, a linguagem inclui os materiais significantes como parte de uma semiologia social – ação e subjetividade inconscientes - que está em relação (distinção) com os *capitais* sociais.

Rodrigues se situaria, portanto, entre os que pensam a linguagem – significantes - como reguladora das relações entre os campos sociais, incluindo o lugar ocupado pelo campo das mídias nessas relações. Isso é, o mediático seria produzido pelas operações de linguagem (do

tipo apropriações de conteúdos – objetos sociais de outros campos – por uma nova forma – enunciação; ou transformação dos objetos sociais (a educação, a saúde, o conhecimento, etc.) em objetos de mídia; ou transformação do esotérico – códigos internos, fechados a uma compreensão em espaços públicos mais amplos ou só compreendida pelo campo de uso - em exotérico – códigos externos, abertos a compreensões no espaço público, uma linguagem para todos os usos sociais produzida pela mídia, etc.), que “aceleram” as relações internas de outros campos, e entre eles.

Ora, essas duas angulações respondem a abordagens auto-referenciais, embora possa se dizer que a de Rodrigues já agrega a teoria da ação na leitura da linguagem. O fio da navalha que desloca o ângulo entre as duas abordagens é: a) o *habitus* contempla um inconsciente que produz, nas relações com os objetos - os capitais e materiais significantes - interpretantes também inconscientes; b) a linguagem permite pensar o inconsciente como significante. Portanto, o lugar das operações sociais – o *habitus* – conflui com um lugar de operações de linguagem. Isso nos parece visível na mediatização – o *habitus* regulando rotinas de produção e consumo de mídia, materializadas em interações com linguagens, alterando em particular um conjunto de práticas sociais comunicacionais. Assim, os “efeitos de reconhecimento” seriam impensáveis sem a formação de coletivos interpretantes que tenham incorporado códigos sociais compartilhados, sensibilidades, percepções e economias desenvolvidas especificamente nas interações com as linguagens das mídias. Um *habitus*, portanto, mediático, uma síntese entre significante e significado, entre ação e linguagem, que coloca novos problemas de investigação sobre o poder simbólico no campo das mídias.

1.3 A tecnologia e a técnica transformando as interações e a linguagem

Os problemas e ângulos novos decorrentes especificamente da técnica e da tecnologia são mais urgentes, na medida em que ontologicamente a técnica e a tecnologia produzem a comunicação diferida – num movimento de cisão da ação e linguagem, em tensão com os próprios *habitus comunicacional e mediático*. Ou seja, os suportes de produção, recepção, estocagem, transmissão, codificação e decodificação de mensagens abrem, pela difusão, possibilidades de interação não habituais, inclusive por decorrência das transformações fundadas pelo campo especificamente tecnológico. Não por acaso, essa

dimensão – a tecnologia em associação com a técnica -, é apontada como fator problematizador, regulador ou desequilibrante, dos processos mediáticos e da comunicação. Não se trata aqui apenas dos teóricos sobre a tecnologia, mas também de como a questão afeta as reflexões nascidas em abordagens fundadas nas teorias da ação ou da linguagem. Ilustramos essa formulação a partir da leitura de Rodrigues (1999, 2000) e Gomes (2006). O primeiro - de como uma linguagem está condicionada pelas operações técnicas - diz, se referindo a polifonia⁵:

Nos casos mais difíceis, em que não existem disponíveis processos retóricos de compatibilização entre pretensões legítimas concorrentes, a apresentação das diferentes posições em presença, nomeadamente sob a forma de mesas redondas, de debates de representantes legítimos dessas pretensões ou de textos editoriais na imprensa desempenham semelhante papel de compatibilização (Rodrigues, p. 8, 1999)

Esse é um caso em que linguagem está condicionada por operação técnica. Há a reflexão inversa, em que ações devem dar conta de linguagem, ou seja, as operações de linguagem condicionam operações técnicas. Ou seja, a linguagem é condição de acesso ao campo das mídias (Champagne, 1990; Gomes, 2004). Trata-se aí de “códigos e gramáticas características das instituições mediáticas que as controlam” (Gomes, 2004, 67). As rotinas produtivas dessas instituições devem se conformar com essas gramáticas. São ações de assimilação, que agenciam inclusive as rotinas das assessorias de comunicação. Só é possível entender isso como uma resposta das rotinas (divisão social do trabalho entre diagramador, arte-finalista, editor, redator, etc. que resultem, em múltiplas articulações, em discurso mediático) às operações de linguagem. Essas rotinas são também de relações entre ações de assessoria de instituições não mediáticas e ações de produtores de instituições especificamente mediáticas. A reversibilidade deve, portanto dar conta de rotinas – de ofertas e demandas produtivas – entre instituições mediáticas e não mediáticas, que passam (num processo histórico e social) a mediar as relações entre campos sociais diversos (o político e o mediático).

⁵ Uma escolha, como afirmamos aleatória, oportunista, na medida em que está a serviço de nossa tese.

Entre os dois processos pode se “ver”, conforme o “olhar” do observador, a reversibilidade da comunicação mediática, ou de como o movimento de díade entre linguagem e técnica, em que um e outro pólo pode aparecer como dominante. Ora, o mediático não estaria aqui ou ali, mas simultaneamente, porque incorporados aos dispositivos (incluindo as disposições dos agentes envolvidos). Não só as ações organizam as linguagens, como as linguagens que regulam a ação, e das ações que se regulam através de mediações tecnológicas, ou que significa que o mediático se dá nessa intersecção entre movimentos diversos.

Essas relações nos parecem fundamentais para pensar o mediático. As operações técnicas e tecnológicas que resultam em determinadas configurações de linguagem (exemplo: a organização de um debate em rádio entre especialistas de várias áreas sobre um tema), e produzem um diferencial impossível sob outras modalidades técnicas e tecnológicas (uma entrevista com um especialista não resultaria nas mesmas operações discursivas possíveis no debate). Nos dois casos há conversão de ações em operações de linguagem. São essas operações diferenciais (a circulação) que passam a regular as relações entre os campos sociais e campo das mídias.

O conceito de tecno-interação de Sodré (2006) expressa, nessa perspectiva, rela es de um condicionamento das intera es pela tecnologia, ao mesmo tempo em que reflete o inverso. A técnica como extensão do corpo – prótese (Sodré, 2006) –   também base da hipertrofia codificante – a supremacia da forma sobre os conteúdos, e nesse sentido configura rela es entre tecnologia e linguagem que sustentam as opera es de linguagem. Mas, inversamente, diz Sodré “todo este processo   uma expansão do que Giddens chama de 'reflexividade institucional' – um dos motores da modernidade -, ou seja, o uso sistemático da informa o com vistas a reprodu o de um sistema social”. Na modernidade, a reflexividade   atividade do espírito. Hoje, se expressa no mediático. Isso significa que o processo nasce de opera es sócio-antropológica, que resultam no “distribuidor” em que a tecnologia condiciona as intera es, que afeta as rela es da linguagem consigo (hipertrofia codificante) e retroage sobre a sociedade em decorrência das formas de intera o (transformando o que chamamos de campo cultural, econ mico e político). Há, portanto, uma cadeia de díades:

reflexividade institucional – algo da sociedade moderna – que resulta em tecno-interação, e, dessa, em hipertrofia codificante e superação da sociedade moderna.

O acento sobre a tecnologia aparece também em Braga (2006), em que essa responde a objetivos “sociais e interacionais do mundo da escrita” através das interações diferidas e difusas. Isso é, num primeiro momento, a tecnologia responde a demandas sociais. Num segundo, é extensiva, e, finalmente, o “sistema se torna autopoiético” (o que em nossa perspectiva se revela em operações auto-referenciais em torno da dimensão técnica e tecnológica). As relações entre essa “autopoiése” e a sociedade são de possibilidades (portanto, de contingências) e não de condicionamentos. Poderiam ser agrupados em duas grandes categorias: exógenos (relações entre campos, papéis, socialização, institucionalização) e endógenos (relações entre conversação, escrita e mídia, circulação e resposta social). De qualquer forma, se coloca aí, em nossa análise, relações em que um lugar – no caso, a tecnologia – produz transformações na sociedade.

Portanto, é a terceira dimensão da tríade de nossa proposição matricial que produz mais desequilíbrio cognitivo nas reflexões no campo. Como afirmamos anteriormente, uma hipótese é de que isso decorra de uma cisão ontológica nos processos de comunicação. Essa cisão é fundada pelos atos diferidos propiciados pela técnica e tecnologia, que “recorta” os habitus comunicacionais – ação em seu conjunto e linguagem -, gerando desequilíbrios sócio-cognitivos que, percebidos pelo campo epistemológico da comunicação, produzem novas reflexões.

A evidência disso é que essa terceira dimensão – a técnica e a tecnologia – pode estar subordinada às perspectivas autoreferenciais (como, por exemplo, a EPC ou a perspectiva habermasiana), ou ser simples suporte às linguagens. Como vimos, mesmo quando a técnica e a tecnologia estão nessa situação, as teorizações e problemas de investigações podem avançar com a construção de novos objetos para o campo acadêmico da comunicação. Por isso, falamos, aqui, de duas “gêneses”: uma, é a que localiza o problema como decorrência de uma ontologia, algo que ocorre no campo das experiências do mediático. A segunda é a abordagem, muitas vezes implícita, que situa a problemática da gênese epistemológica da produção científica no interior dos fluxos singulares das estruturas de interpretação do mundo, construídas em campos acadêmicos a partir das interações com objetos de

conhecimento, articuladas a partir de outros sistemas de interpretação. As duas dialogam com a perspectiva histórica.’

Essa dupla entrada – ontológica ou epistemológica – pode ser observada em vários documentos. Albuquerque (2002), por exemplo, pondera que, antes mesmo das novas tecnologias, perspectivas teóricas outras propunham uma teorização diversa do modelo E-M-R. Porém, diz, as novas tecnologias – em particular, as informáticas – “obrigam” os estudos de comunicação a relativizar o modelo E-M-R. A força de novos processos de interação decorrentes de tecnologias de rede é também considerada por Ferrara (2004) como pressuposto (mesmo que não diga) ontológico de novas requisições ao conhecimento, que ultrapasse os dilemas modernos (modernistas, diz ela) entre conhecimento (teoria) e práticas, entre apocalípticos e integrados.

4. Conclusões

Nessa abordagem do campo epistemológico da comunicação que desenvolvemos, a questão da identidade do campo não se reduz à problemática das disciplinas ou mesmo dos campos acadêmicos outros que “nos invadem”. Essa invasão é possível e necessária, na medida em que “toca” em algo transdisciplinar: a produção social de sentido. A linhagem de identidade que consideramos central está na competência de, partindo de abordagens diversas, problematizar e construir novos ângulos de interpretação dos processos de comunicação em relação com a mídia, o que tem, conforme os documentos que referimos, se expressado em ultrapassagens das teorias que são mobilizadas como ponto de partida. Não se trata aí de uma ultrapassagem inerente ao trabalho da ciência, mas junto a isso, uma conversão de olhar que superaria determinados limites de angulação impostos pelas abordagens fundadas na teoria da ação, do signo, da técnica e da tecnologia, colocando essas dimensões num jogo de relações.

Concluimos também que a técnica e a tecnologia vêm constituindo fenômeno observado como “ponto de passagem” a novas problemáticas. Em nossa interpretação, a força das técnicas e das tecnologias (envolvendo os aparatos de codificação, decodificação, transmissão, estocagem, recepção e produção) decorre do lugar que ocupam na produção de atos diferidos e difusos, cindindo equilíbrios pré-existentes entre ação e linguagem,

colocando a necessidade de novas negociações sociais sobre seus próprios hábitos de comunicação e midiáticos. Esse valor do ontológico na leitura das transformações reflexivas do campo não significa uma subestimação do epistemológico, mas compreende a nossa episteme coletiva em construção como parte da vida social, de seus problemas e demandas reflexivas.

Referências

- ALBUQUERQUE, Afonso. Os desafios epistemológicos da comunicação mediada pelo computador. COMPOS. XI Encontro Anual, UIFRJ, Rio de Janeiro, 2002.
- AUMONT, Jacques. A parte do dispositivo. In: A imagem. 2. ed. Campinas: Papirus, 1995. p. 135 – 195
- BOURDIEU, P. Razões práticas, São Paulo, Papirus, 1997.
- BRAGA, José Luiz. Constituição do campo da comunicação. In: FAUSTO, Antônio, PRADO, José Luis, PORTO, Sérgio. Campo da comunicação – caracterização, problematizações e perspectivas, 2001. p. 11-40.
- BRAGA, José Luiz. Sobre “mediatização” como processo interacional de referência. GT Comunicação e Sociabilidade, 15 Encontro Anual da Compós, Bauru: junho de 2006, cd-rom.
- BRAGA, José Luiz. Sobre a Conversação. In: Brasil – Comunicação, Cultura & Política. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994. p. 289 – 308.
- CHAMPAGNE, Patrick Faire l’opinion: le nouveau jeu politique, Paris: Minuit. 1990.
- FERREIRA, Jairo. Campo acadêmico e epistemologia da comunicação. In: LEMOS, André; PRYSTON, Angela; SILVA, Juremir Machado da; SÁ, Simone Pereira de. (Org.). Mídia.br. Livro da XII Compós - 2003.. Porto Alegre, 2004, v. 1, p. 115-129.
- Ferreira, Jairo. Uma abordagem triádica dos dispositivos midiáticos. In: Líbero. Ano IX, n 17, jun 2006.
- GOMES, Pedro G. Os processos midiáticos como objeto de estudo. In: _____. Tópicos da teoria da Comunicação. São Leopoldo: Unisinos, 2004. p.18-33.
- MARTINO, L.C. Elementos para uma epistemologia da comunicação. In: FAUSTO, Antônio, PRADO, José Luis, PORTO, Sérgio. Campo da comunicação – caracterização, problematizações e perspectivas. p. 77-91, 2001a.
- MARTINO, L.C. As epistemologias contemporâneas e o lugar da comunicação. Epistemologia da Comunicação. Lopes, Maria Immacolata Vassallo de (org.). São Paulo: Loyola.2003.

- MOUILLAUD, Maurice e PORTO, Sergio Dayrell. O Jornal: da forma ao sentido. Brasília: Paralelo, 1997.
- PEIRCE, Charles S. Semiótica. São Paulo : Perspectiva. 2003.
- PIAGET, J. desenvolvimento do pensamento. Equilibração das Estruturas Cognitivas. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1977a.
- RODRIGUES, Adriano D. O dispositivo da enunciação. In: Comunicação e Cultura – A experiência cultural na era da informação. Lisboa, Presença. 1994. p. 141 – 156.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. A partitura invisível. Para uma abordagem interactiva da linguagem. Lisboa: Colibri, 2001.
- RODRIGUES, Adriano. A autonomização do campo dos media. In: REVAN, Raimundo Santana (org). Reflexões sobre o mundo contemporâneo. Teresina: UFPi, 2000, p. 199-215.
- SODRE, Muniz. Eticidade, campo comunicacional e midiaticização. In: MORAES, D. Sociedade midiaticizada. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006, p. 19-31.
- WALTER-BENSE, Elisabeth. A teoria geral dos signos. São Paulo: Perspectiva. 2000.
- BOLANO, Cezar. A centralidade da chamada Economia Política da Comunicação (ECP) na construção do campo acadêmico da Comunicação: contribuição crítica. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Epistemologia da Comunicação”, do XIV Encontro da Compós, em Niterói, na UFF, 2005.
- SIGNATES, Luiz. Avanços habermasianos à epistemologia da comunicação, na perspectiva do desenvolvimento das teorias sociais. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Epistemologia da Comunicação”, do XIII Encontro da Compós, na UFP, Recife, 2004.
- FERRARA, Lucrecia. Por uma cultura epistemológica da comunicação. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Epistemologia da Comunicação”, do XIII Encontro da Compós, UFP, em Recife, 2004.